

Colocando a mão na massa: materiais didáticos de sociolinguística para alunos de ensino fundamental

Monique Débora Alves de Oliveira,
Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro

Ricardo Joseh Lima
Universidade Estadual do Rio de Janeiro

Resumo

Apresentamos um material didático construído a partir da análise contrastiva entre variedades do português brasileiro. Esse material abordou a identidade linguística do aluno, levando-o a se conscientizar do valor da sua norma em comparação com a da escola, e a descobrir os espaços de utilização de cada uma dessas normas.

Palavras-chave: Sociolinguística, Análise Contrastiva, Português Brasileiro.

Abstract

We present educational material that was developed on the basis of contrastive analysis among the varieties of Brazilian Portuguese. The material focused on the students' linguistic identity, leading them to become aware of the value of their dialect and to understand the appropriate contexts of use of each dialect.

Keywords: Sociolinguistics, Contrastive Analysis, Brazilian Portuguese.

INTRODUÇÃO

A procura pela inserção da variação linguística nos livros didáticos há muito já se tornou objeto de estudo, gerando dissertações, teses e artigos (Coelho 2007, Manini 2009, Rodrigues 2010). Esses trabalhos se propuseram a verificar o tratamento que recebia a variação linguística dentro dos livros didáticos, sem, contudo, apontar possíveis soluções para a limitada abordagem do tema. Tal situação pode se dever a diversos fatores. Um deles seria a dificuldade de inserir situações de norma não-padrão em materiais didáticos. A polêmica acontecida em maio de 2011 com a presença de expressões como “os menino” e “nós pega o peixe” em um livro didático mostra como a sociedade apresenta resistências a essa inserção, que vem sendo proposta de forma mais direta desde a criação dos PCNs. Outro fator que pode estar limitando a criação de propostas para dar conta da

norma não-padrão em sala de aula seria a ausência de metodologias diretas e específicas para esse tema. Isso acontece porque a escola ainda trata de forma homogênea, no chamado “ensino de língua materna”, aquilo que é, por natureza, heterogêneo.

Diante de tal quadro, foi elaborado um Projeto de Iniciação à Docência, iniciado em 2012 e ainda em vigor, que tivesse como objetivo a elaboração de materiais didáticos com a finalidade específica de tratar do tema da variação linguística, atendendo aos critérios sociolinguísticos de identificação e valorização do registro linguístico dos alunos. Neste artigo, exporemos algumas decisões tomadas quando da elaboração de um desses materiais e também detalhes do processo de confecção dos mesmos.

Acreditamos ter encontrado no trabalho de Wheeler e Swords (2006, 2010) um direcionamento metodológico explícito sobre como tratar o caso brasileiro em sala de aula, a saber, o trabalho com a norma não-padrão e a norma padrão. Neste artigo, delineamos nossas justificativas para tais escolhas, assim como apresentamos modificações realizadas para a elaboração desse material, com vistas à adaptação a situações específicas da realidade brasileira. Na próxima seção, descrevemos as abordagens teóricas que serviram de base para o nosso material. Em seguida, detalhamos as questões metodológicas que nortearam nossas escolhas. Por fim, na última seção, apresentamos considerações sobre o trabalho realizado.

ABORDAGENS TEÓRICAS

Duas foram as bases teóricas que ancoraram nosso material didático. Ainda que construídas de modo independente, ambas podem ser unidas com vistas à aplicação de um material didático que dê conta dos desafios de ensinar norma padrão na escola e de respeitar a norma não-padrão dos alunos.

A primeira base teórica que encontramos foi a de Kato (2005). Em seu artigo “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”, Kato propôs que cada indivíduo falante do português brasileiro possui duas gramáticas, uma chamada de **nuclear** e outra de **periférica**. A gramática nuclear constaria de regras e parâmetros fixados de modo natural no processo de aquisição da linguagem. Já a gramática periférica conteria construções que seriam aprendidas de modo artificial e idiossincrático pelo indivíduo. A

partir dessa divisão, é possível estabelecer que construções sintáticas como próclise, relativas cortadoras, entre outras, são naturais para a criança, enquanto ênclises, relativas com movimento, entre outras, são artificiais. Kato propôs que a escola lide com essa dualidade e que o aluno seja ensinado a realizar um *code switching* (alternância de código), entre as duas gramáticas, uma vez que cada uma se apresenta adequada para circunstâncias de uso distintas: a nuclear para uso em situações cotidianas e informais e a periférica para situações formais e de escrita.

O trabalho de Wheeler e Swords (2006, 2010) constituiu nossa segunda base teórica. As autoras propuseram que a escola deve operar de modo explícito a alternância de código entre o não-padrão e o padrão da língua. Nessa proposta, a escola não apenas traz a norma não-padrão para a sala de aula, como a ensina e faz com que os alunos a pratiquem. Isso acontece para que os alunos percebam que a norma que eles dominam (a não-padrão) possui regras e é legítima. Desse modo, pensam as autoras, os alunos terão mais facilidade em perceber que a norma padrão, adotada pela escola, também possui regras e legitimidade, uma vez que deve ser usada em determinados contextos.

METODOLOGIA

A metodologia empregada para a elaboração do material foi baseada na proposta de Wheeler e Swords (2006, 2010), chamada de **análise contrastiva**. Conforme apontado acima, essas autoras propõem que a sala de aula seja um espaço em que a norma não-padrão e a norma padrão convivam em igualdade, sendo o *status* que conferir à uma também ser conferido à outra.

Uma atividade proposta pelas autoras, e adotada em nosso material didático, consiste na percepção, por parte dos alunos, da existência de regras tanto na norma não-padrão quanto na norma padrão. Isso se dá através de um exercício em que os alunos vão anotando e separando, por colunas, as construções pertencentes a cada norma. Com isso, os alunos estão visualizando que cada norma possui um perfil. Os alunos são, então, convidados a descobrir o que existe de comum em cada perfil estabelecido. As autoras trabalharam, entre outras construções, com a formação do passado simples em inglês. Na variedade não-padrão, não há marcas de passado (“Yesterday, I work a lot”, “Ontem, eu

trabalho muito”), enquanto que na variedade padrão existe uma marca (“Yesterday, I **worked** a lot”, “Ontem, eu trabalhei muito”). Os alunos vão, então, percebendo cada perfil e a cada um é atribuída uma regra. Nota-se, de modo enfático, a presença da norma não-padrão no mesmo patamar da norma padrão, algo impensável para alguns teóricos brasileiros e não encontrado, na prática, em materiais didáticos.

A partir daí, os alunos passam a praticar essas regras, primeiro com exercícios isolados e depois construindo textos. Há, portanto, a construção de um texto em que a norma não-padrão deve ser empregada, como uma carta para um amigo ou familiar, e um texto em que a norma padrão deve ser empregada, como uma carta para a diretora da escola. Os dois textos servem como um exemplo de que a proposta de alternância de código está sendo colocada, de fato, em prática. Em nosso material didático, adotamos essa proposta, levando para dentro da sala de aula norma não-padrão do aluno, valorizando-a e revelando que ela não apenas pode, mas deve ser utilizada em determinadas situações. A explicitação das regras das duas normas cumpre um dever acadêmico, o de respeitar a identidade linguística dos alunos, uma ideia presente na concepção dos PCNs, mas ainda não posta em prática por materiais didáticos ou por professores de português, em sua maioria.

Uma observação que se faz necessária nesse momento é a relação que as autoras constroem com o material textual. A ênfase dada à explicitação das regras do não-padrão e do padrão se sobrepõe ao trabalho com tipos e gêneros textuais. Assim, quando Wheeler e Swords trabalham com textos, utilizam-se apenas de frases isoladas. Mesmo que em um momento posterior, haja, por parte dos alunos, uma análise de textos, o mesmo é “recortado”, para que se possa visualizar as regras da construção, que é o foco da aula. O texto torna-se, utilizando uma expressão conhecida da educação brasileira, um pretexto para análise sintática. Enquanto concordamos com a necessidade imperiosa de que os alunos conheçam as regras da norma linguística que eles utilizam, se conscientizem de que essas regras são da mesma natureza da norma linguística utilizada pela escola, e por isso mesmo adotamos as diretrizes de Wheeler e Swords, ao mesmo tempo não pudemos deixar de perceber como o trabalho com o texto estava sendo deixado de lado.

Por essa razão, escolhemos uma linha temática para a apresentação das regras para

os alunos: a música. Em nosso material, há trechos de músicas e de entrevistas com músicos. Selecionamos artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso e Racionais MCs para ilustrar a variedade cultural brasileira, uma vez que havia músicas infantis (“Cidade ideal”, do musical Saltimbancos), políticas (“Podres Poderes”) e que retratavam uma realidade que pode estar próxima de muitos de nossos alunos (“12 de Outubro”). Com isso, procuramos “ganhar” o aluno, para que ele se interessasse pela aula, permitindo a entrada do lúdico, ao mesmo tempo em que as músicas serviam de base para a explicitação das regras da norma não-padrão e da norma padrão.

Outra escolha metodológica própria e nossa foi a utilização de materiais reais e contemporâneos do aluno para o trabalho com a análise contrastiva. Muitos livros didáticos trazem como exemplo de norma não-padrão textos de Patativa do Assaré, Adoniran Barbosa, entre outros. Enquanto se reconhece que isso pode enriquecer a bagagem cultural do aluno, ao mesmo tempo ele não se identifica com manifestações culturais tão distantes de sua realidade. O grupo de *rap* Racionais MCs é bastante conhecido nas periferias das grandes cidades brasileiras, e sua produção musical espelha sua fala espontânea. Para além disso, utilizamos entrevistas, situações em que a fala espontânea acontece, para que os alunos percebam como, de forma natural, as duas versões de uma mesma construção sintática cumprem sua função comunicativa.

O material elaborado procurou, portanto, fazer uma ponte entre a abordagem que predominou nos anos oitenta e noventa do século passado, a saber, uma abordagem gramaticalista que não buscava o desenvolvimento textual para o aluno, e a abordagem que, ao privilegiar esse desenvolvimento, pode ter deixado de lado informações gramaticais que poderiam ser úteis para o aluno. Percebemos que muitos livros didáticos bem avaliados no PNLD não trazem informações gramaticais relevantes para a formação do aluno. Ao tomar como base textos com uma linha temática (a música), trabalhando esses textos com os alunos, procuramos contemplar a necessidade de desenvolvimento textual; a análise contrastiva, por outro lado, cumpriu o papel de demonstrar de modo claro e efetivo informações gramaticais que permitiriam ao aluno desenvolver sua identidade linguística, ao descobrir que aquilo que ele utiliza em sua comunidade linguística para comunicação efetiva possui regras.

A imagem 1 abaixo ilustra a intenção da realização da análise contrastiva:

VI- Detalhando as regras

Agora, vamos esquematizar tudo o que aprendemos?

VARIANTES NÃO-PADRÃO:

Para indicar única quantidade em uma variedade não-padrão do português, usamos o artigo, o substantivo e o adjetivo **no singular**.

Exemplo: **Exemplo pessoal, no singular. A maçã vermelha.**

Para indicar mais de uma quantidade em uma variedade não-padrão do português, colocamos uma marca de **plural** no **artigo**.

Exemplo: **Exemplo pessoal, no plural. As maçã vermelha.**

VARIANTES CULTAS:

Para indicar única quantidade em uma variedade culta do português, usamos o artigo, o substantivo e o adjetivo **no singular**.

Exemplo: **Exemplo pessoal, no singular. A maçã vermelha.**

Para indicar mais de uma quantidade em uma variedade culta do português, colocamos uma marca de **plural** no **artigo**, no **substantivo** e no **adjetivo**.

Exemplo: **Exemplo pessoal, no plural. As maçãs vermelhas.**

Professor, faça esse exercício com a turma. Não dê as respostas, espere deles o preenchimento dos campos em branco. Eles já têm capacidade e maturidade para isso!!

Vimos, portanto, que
uma **diferença** entre
as **variantes não-**
padrão e a **cultas** está
marcada na formação
do **plural**.

13

Imagem 1: Exemplo de análise contrastiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta breve discussão metodológica de nosso material, pudemos levantar os principais pontos que orientaram sua construção: a observação de uma lacuna em estudos sobre materiais didáticos, que apontavam, corretamente, que os mesmos não abordam de modo adequado a variação linguística, mas ao mesmo tempo não traziam propostas de abordagem; a consideração de que o PNLD aponta que uma abordagem para a variação linguística deve ser feita de modo amplo e profundo pelos materiais didáticos; e as ideias

de alternância de código e de análise contrastiva, a primeira proposta no âmbito teórico, e a segunda no âmbito prático.

Por ser um projeto de Iniciação à Docência, não caberia a nós apenas realizar estudos teóricos, sem um aporte prático. A construção de um material didático que contivesse a norma não-padrão de modo explícito, valorizando-a e demonstrando que a mesma possui regras tão complexas quanto a norma padrão se revelou um desafio, pois não foram encontrados materiais didáticos que tivessem realizado tal abordagem de modo semelhante. Estamos conscientes de que haverá forte resistência para a consideração e aplicação desse material em situações concretas de sala de aula. A escola parece ainda não estar preparada para esse “choque de sociolinguística”, preferindo se ater a uma visão de ensino excludente e monolítica em relação à norma não-padrão, dominada pelos alunos.

Ainda que nosso material didático possa parecer “revolucionário” para alguns ou mesmo “herético” para outros, gostaríamos de ressaltar que o que fizemos foi seguir à risca as diretrizes estabelecidas pelo PNLD. A parte que estabelece a valorização da identidade do aluno, destacando-se o conceito de cidadania, por exemplo, nos levou a considerar que a exposição da norma não-padrão em exercícios e atividades em nada seria incoerente. Ainda que isso soe radical para a situação comum de sala de aula, pretendemos que, aos poucos, com o estabelecimento de um diálogo entre escola, universidade, professores de ensino fundamental e médio, e alunos, possamos atingir, todos, um consenso sobre o real papel que a variedade não-padrão pode possuir no espaço escolar. Isolá-la ou tratá-la de modo especial, diferente, não parecem ser soluções adequadas. Ao mesmo tempo, conhecemos os riscos de se inserir algo que a escola tradicionalmente não valoriza e que pode causar conflitos para alunos em fase de amadurecimento.

Entretanto, devemos acrescentar que nossa meta foi colocar em prática também o que estudiosos como Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004) propõem: a entrada de informações sociolinguísticas em sala de aula, e nas séries iniciais do segundo ciclo do ensino fundamental. Ainda que conscientes de que há problemas de ordem teórica, prática e política nessa inserção da sociolinguística, foi nossa intenção levantar uma situação para que se possa gerar um debate ou considerações que venham a trazer as

discussões teóricas mais perto das situações práticas da realidade de sala de aula brasileira. A elaboração do nosso material teve a pretensão de servir como pontapé inicial nesse diálogo, a primeira voz a ser exposta. Que venham outras vozes, que as possamos ouvir e, enfim, construir o tão sonhado entendimento...

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Nada na Língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BRASIL. **Guia de livros didáticos: PNLD 2011: Língua Portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COELHO, P. **O tratamento da variação linguística no livro didático de português**. Dissertação de Mestrado: UnB. 2007.

KATO, M. **A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical**. In: MARQUES, M. A.; KOLLER, E.; TEIXEIRA, J. & LEMOS, A. S. (orgs.). *Ciências da linguagem: trinta anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005:131-145.

MANINI, D. **A gramática e os conhecimentos linguísticos em livros didáticos de língua portuguesa para o ensino fundamental II (5ª a 8ª séries)**. Dissertação de Mestrado: Unicamp. 2009.

RODRIGUES, S. **O português não-padrão no universo de livros didáticos do ensino médio: posições discursivas**. Dissertação de Mestrado: UFMT. 2010.

WHEELER, R., SWORDS, R. **Code-Switching: Teaching Standard English in urban classrooms**. Urbana: IL, National Council of Teachers of English, 2006.

_____. **Code-Switching lessons grammar strategies for linguistically diverse writers. Grade 3– 6**. Portsmouth, NH: Heinemann, 2010.

OS AUTORES

Monique Débora Alves de Oliveira, Graduada, SME-RJ
E-mail: mnqdb@gmail.com

Ricardo Joseh Lima, Doutor, UERJ
E-mail: rjlimauerj@gmail.com